

Eleição Presidencial Presidente audiovisual?

José Joffily filho *

O Brasil, ou melhor, todos os administradores ou gerentes, ou legisladores, ou ideólogos que tiveram acesso ao poder no Brasil, jamais consideraram a produção audiovisual como algo de importância. Enquanto, nos países desenvolvidos, a produção audiovisual é tratada como produto de primeira necessidade (cultural e comercial), aqui, o que vemos é o grande descaso e menosprezo: "coisa de artista." A "coisa de artista", é, nos EUA., o segundo produto na pauta de exportação. A "coisa de artista" é a questão mais quente na pauta de negociações para a consolidação do Mercado Comum Europeu em 1992.

Aqui, a "coisa de artista" é vista sempre com descaso (ou conviência...). Resultado: depois de 29 anos sem eleições para presidente, por pouco não corremos o risco de ver a disputa pela Presidência limitada a duas concessionárias de serviço público. De um lado, Roberto Marinho; de outro, Sílvio Santos. O descaso é tão grande que se permitiu que os dois, ou melhor, todos os concessionários do serviço público agissem no decorrer dos anos sem regulamentação alguma. Ou seja, em qualquer país do mundo civilizado, em qualquer país capitalista, existem regras que regulam a concessão do serviço público na emissão de programas.

Na Europa ou nos Estados Unidos, a empresa que recebe a concessão pode somente transmitir determinados produtos audiovisuais. Nos países da Europa ou nos EUA., por exemplo, os concessionários só produzem jornalismo, ou quando muito *show* de variedades. Todo o resto da produção é obrigatoriamente produzido por terceiros. Ou seja, dilui-se o poder e em consequência o capital. Nesses países, existem produtores independentes de TV. Aqui, com a verticalização e desregulamentação, estabelece-se na televisão o capitalismo selvagem audiovisual, o pré-capitalismo audiovisual. Os concessionários de televisão são concessionários de tudo. Podem fazer de tudo e jogar no ar o que lhes apraz. Não só mandam os sinais de transmissão, como mandam os sinais de produtos por eles produzidos. É a concentração máxima de poder/capital/audiovisual. Só existe aqui, só existe no Brasil. Nenhum país civilizado do mundo, *nenhum mesmo*, alimenta este monstro vertical e monopolista.

Alguns resultados: 1º. Não existe sequer um produtor independente de TV em todo país (todas as produtoras independentes vivem de fazer VT tipo "minha bela fábrica". Institucionais e/ou comerciais). Os poucos casos, as poucas tentativas resumem-se a experiências sempre sem solução de continuidade. 2º. O monopólio da produção gera uma concentração de poder nefasta para o

país (que, em tese, entregou uma concessão para a prestação de um "serviço" público).

Não é por competência ou capacidade empresarial que as TVs se afirmaram, mas por uma deformação desastrosa do que lhes caberia de fato fazer. Não é à toa que TV Globo e TVS se defrontaram por alguns dias como candidatas a gerenciar o país. E porque monstros foram gerados pelo "descaso" (e conviência) dos governantes executivos e legisladores. Só um ingênuo ou desinformado poderia avaliar a posição atual da Rede Globo como fruto de sua competência. A posição da Globo hoje no mundo das comunicações deve-se ao fato de que ela age sem parâmetro algum. Isto tudo sem falar na reserva de mercado. Ou seja, hoje na Europa projeta-se para 1992 uma elevação da já existente reserva de mercado, que, além de proteger a produção audiovisual local, exige uma fatia para o mercado europeu. Explica-se. Cada país europeu exige que cada concessionária do serviço público de transmissão reserve um número de horas da sua programação para produtos audiovisuais realizados por produtores independentes daquele país. Agora, com a consolidação do Mercado Comum Europeu e a abolição das fronteiras comerciais, cada país europeu passará a exigir que as concessionárias dos canais de televisão exibam não só um percentual de produto audiovisual daquele país, como também que reservem parte do seu horário de transmissão para produtos europeus.

Enquanto isso, aqui no país do vale-tudo, as televisões não passam se quer 0,5% de produção independente nacional. E, como se fosse pouco, eles têm candidatos para presidenciar o país. É o escárnio em cima do esculacho. É o país de ninguém, ou melhor, é o país com "donos". A concentração transformou o país em quintal das concessionárias. A única coisa a se estranhar é que João Saad e Adolpho Bloch não tenham também postulado a Presidência. Talvez a única coisa que os tenha impedido tenha sido o Ibope. Afinal, devem ter considerado que este páreo era somente para os primeiros colocados (o 1º mesmo e o 1º da vice-liderança).

Com o quadro atual só se espera uma coisa, que nosso futuro presidente, que lutamos para que não seja um concessionário (um já foi derrotado), veja nestas deformações um sinal da gravidade da questão. E tome providências, junto com o Congresso, para conter os monstros que só desservem à cultura, à informação, e portanto à livre e plural circulação de idéias.

Rio, 11 de novembro de 1989

* Cineasta, professor da Escola de Comunicação da UFF